



ALESSANDRO COSTA

**HADDAD**  
Em entrevista ao **Jornal da AduFRJ**, ex-ministro critica Future-se, diz que a autonomia universitária está ameaçada e desafia Weintraub  
**Página 8**

## COTAV SERÁ FORMADA PARA DEFINIR NOVAS VAGAS

Página 6

# “MAIS RESPEITO, PROCURADOR”

> “Direito não socorre a quem dorme”, escreveu o procurador da AGU/UFRJ no parecer que orienta a reitoria pela suspensão das progressões múltiplas de docentes. A presidente da Adufrj, professora Eleonora Ziller, foi ao Consuni da última quinta-feira, 17, e defendeu a continuidade das progressões. “A gente não dormiu no ponto. A gente trabalha muito, a gente produz muito”, rebateu. “Falo em nome de uma parte muito importante dos professores, talvez da sua maioria. Gostaria de uma retratação”. A ameaça de perda das progressões mobilizou os professores e obrigou a reitoria a solicitar um novo parecer sobre o tema. O debate volta ao Consuni em novembro. **Página 3**

ALESSANDRO COSTA



**NOVA DIRETORIA TOMA POSSE COM ENTUSIASMO E SEM SECTARISMO.** “Não seremos aquilo que não desejamos ser. É possível pensar num movimento docente que seja combativo sem ser sectário, que seja capaz de envolver a maioria dos professores e com isso dar cor e forma poderosa às nossas reivindicações. A universidade pública está viva, mais viva do que nunca. Não vamos parar, nem voltar atrás”, prometeu a nova presidente em seu primeiro discurso. **Páginas 4 e 5**





NOVA DIRETORIA da esq. para a dir.: Marcos Dantas; Christine Ruta; Jackson Menezes; Eleonora Ziller; Felipe Rosa; Pedro Lagerblad e Josué Medeiros

# “Não vamos nos tornar o que não desejamos ser”

SILVANA SÁ  
silvana@adufjrj.org.br

Não vale tudo numa disputa eleitoral. “Não entramos nessa disputa para nos tornar aquilo que não desejamos ser. Não importa o que digam ou façam, falaremos do que nos interessa”. A lição é da ex-decana do Centro de Letras e Artes, Samira Mesquita, lembrada pela nova presidente da Adufrj, Eleonora Ziller. O Salão Pedro Calmon, na Praia Vermelha, ficou lotado de professores, estudantes, técnicos e autoridades da UFRJ e de fora dela, que

foram prestigiar os novos integrantes da gestão e do Conselho de Representantes.

Festejando o retorno ao movimento sindical, Eleonora fez um discurso emocionado. “Conheci a Adufrj ainda estudante, quando seu presidente era Joel Teodósio. A greve de 1984 me formou. Ainda me lembro da primeira Universidade na Praça, que aconteceu na Quinta da Boa Vista. Foi lá que entendi o que era a universidade pública, sua grandeza e complexidade”.

A docente prometeu empenho em sua gestão para que o movimento docente na universidade seja “combativo, sem ser sectário”. “Um movimento que seja capaz de envolver a maioria dos professores e com

isso dar cor e forma poderosa às nossas reivindicações. A universidade está mais viva do que nunca”, afirmou.

Citando Drummond, a docente pediu unidade: “O presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”.

A professora Maria Lúcia Verneck Viana, que se despediu do cargo de presidente da seção sindical, abriu a cerimônia citando Milton Nascimento: “Chegar e partir são dois lados da mesma viagem”, disse. “Estou emocionada. Saio triste, mas esta tristeza se alivia com a alegria de ver amigos dando continuidade ao nosso trabalho”.

A dirigente falou do legado de seu mandato, com a manutenção de um amplo envolvimento dos professores nos dois últimos processos eleitorais da Adufrj. “No pleito de 2015, dos 3.607 associados, 1.501 votaram: 41,6% do eleitorado. De lá para cá, este percentual manteve-se em torno dos 30%, mais que o dobro dos índices anteriores a 2015”.

Os desafios em seu mandato, segundo a professora, se resumiam a “assegurar a paz e pintar-se para a guerra”. “Assegurar a paz era dar continuidade ao trabalho iniciado pelo grupo liderado por Tatiana Roque e Carlos Frederico Rocha (na gestão 2015-2017). Significava buscar

solidade de um fundo de greve. Não está fora da agenda, as diretorias que vierem podem retomar a ideia. Uma associação como essa tem que ter movimentos não só políticos, mas de sociabilidade.

## ■ Continuamos em uma conjuntura adversa. O que fazer?

● Temos que buscar apoios os mais diversos possíveis. Sozinhos, não ganhamos essa guerra, que faz parte de uma guerra maior, de privatização total do Estado e desmonte do pouco que há de bem-estar social. Previdência, saúde. É um projeto neoliberal autoritário que coloca pautas diferentes. Nem todos da universidade são contra a Reforma da Previdência. A Educação é uma pauta que unifica mais. O trabalho é mobilizar os professores, a rua e ganhar apoios entre deputados e senadores dos mais diversos partidos.

## ■ Qual mensagem deixa à nova diretoria?

● A diretoria que vai entrar demonstrou ter afinidade grande com os temas que enfrentamos. Espero que tenham criatividade para inovar onde não conseguimos, mas que também sigam uma peteca. Essa peteca é a metáfora que usei para o legado que recebemos da direção anterior: mais que dobramos o número de votantes na eleição de 2015, algo importante porque antes eram 400 professores. Segurar a peteca é manter a representatividade. Tenho certeza de que farão, mas é bom lembrar que tem uma peteca que a gente não pode deixar cair.



pelo tipo de informação que pode trazer e porque significou a relação próxima com outras associações docentes ligadas ou não ao Andes. O observatório permite o contato com parlamentares, é uma plataforma com profissionais para fazer essa relação institucional, como a que temos com a deputada Margarida Salomão, das comissões de Educação e de Ciência. Trouxemos a ideia de construir a sede própria, muito bem aceita. O contexto tornou-se cada vez mais duro com os cortes. Pensamos que não poderíamos gastar o recurso porque poderia haver neces-

convergências no compromisso com a universidade pública e gratuita”.

A guerra, de acordo com Maria Lúcia, consistia em dar respostas à conjuntura cada vez mais truculenta. “As universidades públicas se converteram em objeto de obsessão destrutiva bolsonarista”, comentou.

A resistência, pontuou, “é também enfrentar silenciosas batalhas na construção de alianças”. Como exemplos, ela citou aproximações da Adufrj com entidades científicas, organizações de classe e a busca de apoio no parlamento. Lígia Bahia, que encerrou seu mandato como vice-presidente da Seção Sindical, complementou a lista: “Participamos de todas as atividades do Andes. O contato com associações de outros estados confluiu para a criação do Observatório do Conhecimento”.

Maria Paula Araújo, 1ª Secretária da Adufrj na gestão recém-encerrada, falou das ações internas do mandato. Ela destacou atividades realizadas no IFCS/IH, como o debate em resposta ao assassinato da vereadora Marielle Franco, o Circuito pela Democracia e o ato por Memória, Verdade e Justiça, em agosto. “Este ato aconteceu em resposta à ofensa do presidente Bolsonaro à memória do estudante Fernando Santa Cruz”.

Felipe Rosa, que se despede do cargo de 2º tesoureiro e assume a 1ª vice-presidência na nova diretoria, agradeceu aos integrantes da antiga direção os aprendizados e também aos funcionários da Adufrj. Christine Ruta, 2ª vice-presidente, reforçou o pedido de Eleonora, por unidade. Jackson Menezes, 2º tesoureiro, celebrou o fato de esta gestão ter um docente de Macaé como integrante da diretoria da Adufrj. Pedro Lagerblad, 1º secretário, pediu que os professores esqueçam as divergências e busquem construir uma universidade fortalecida internamente. Marcos Dantas, 2º secretário, salientou que o momento histórico exige criatividade para enfrentar os desafios. Já Josué Medeiros, 2º tesoureiro, é o “caçula” da nova diretoria e celebrou seu terceiro dia dos professores como docente da UFRJ.

## CONSELHEIROS DEFENDEM UNIÃO CONTRA ATAQUES À EDUCAÇÃO

Professores eleitos para o Conselho de Representantes da Adufrj têm a expectativa de um grande trabalho a partir da união de diferentes grupos da UFRJ. Olavo Amaral, do Instituto de Bioquímica Médica, está pela segunda vez seguida no conselho. “Existe uma polarização interna que ficou clara nas eleições da Adufrj e da reitoria neste ano. Há muita coisa contra vinda de cima e é preciso construir uma unidade, como ocorreu na manifestação de 15 de maio”, disse. Maria Matos, do Colégio de Aplicação, afirmou que, apesar de o CAP ser mais ligado à oposição da Adufrj, existe disposição para o diálogo. “A expectativa é conseguir montar um grupo mais unido e coeso para construir a resistência aos ataques à educação e à ciência”, afirmou. Ela espera que a nova gestão traga o conselho aos debates, promova mais assembleias e mobilize docentes para “pensar ações concretas, se aproximar do Andes e se articular com universidades e movimentos sociais”. Silvana Allodi, do Instituto de Biofísica, chamou atenção para a proposta do governo de fundir Capes e CNPq. “Esta vai ser uma grande plataforma de luta. Tudo que foi feito de bom está sendo destruído e nada é colocado no lugar.” (Ana Paula Grabojs)

## ENTREVISTA | ELEONORA ZILLER, PRESIDENTE DA AduFRJ 2019-2021

# “NOSSO PLANO É ABRIR PORTAS E CONSTRUIR PONTES”

ELISA MONTEIRO  
elisamonteiro@adufjrj.org.br

Com trajetória de participação de longa data em todos os fóruns da UFRJ, Eleonora Ziller dá nova cara ao movimento docente. Continuava sim, mas com as mudanças que o momento exige. Apoiada pelas duas últimas diretorias da Adufrj, a nova presidente promete uma resposta firme da entidade diante de todos os ataques que a universidade vem sofrendo. Um movimento que não pretende parar nem voltar atrás, como anunciava o nome da chapa vitoriosa nas eleições. “Nosso plano é abrir portas e construir pontes”, diz.

Eleonora sabe do que fala. Desde estudante, viveu momentos importantes da UFRJ. Participou do esboço do que mais tarde viria a ser o principal pé da universidade no Complexo da Maré. “Naquela época, não havia extensão. Nós estávamos criando o conceito. Eu comecei como bolsista e depois atuei como funcionária no embrião do que se conhece hoje como PR-5 (pré-reitoria de Extensão)”.

A professora passou pelos mais diferentes setores da uni-

versidade. Foi estudante, técnica-administrativa e docente. Por oito anos, ocupou a direção da Faculdade de Letras. Como técnica, fez parte da primeira geração de representantes no Consuni: “Queríamos romper com um estigma, o de que os funcionários só se posicionavam de modo corporativo. Nossa ideia era mostrar que éramos capazes de discutir as grandes questões da universidade, como por exemplo, a autonomia. E fizemos isso”.

A eleição de Bolsonaro foi o fator determinante para trazê-la de volta ao movimento docente, após anos de dedicação à família, à carreira acadêmica e à implantação do curso noturno em sua unidade, a Faculdade de Letras. “Com o governo Bolsonaro, a perseguição política a dirigentes e a presença de interventores em diversas universidades, o sindicato volta a ter um lugar fundamental na defesa da autonomia e da liberdade de pensamento, e na proteção dos professores, ameaçados das mais diversas formas”, afirma a dirigente.

ALESSANDRO COSTA



nhecemos. Essa dimensão exige a experiência e a participação de todo mundo, independentemente dos grupos de origem a que pertençam.

## ■ Carreira, salário: como serão tratadas as pautas corporativas?

● A pauta corporativa deve ser tratada de maneira articulada com a defesa da universidade. O espaço para acordos e negociações com o atual governo hoje é nenhum. O cenário é não perder o que conquistamos.

## ■ Como será a relação com o Andes?

● Nossa perspectiva é participar mais do debate. E fazer a discussão envolvendo os professores para que compreendam o que está em jogo. Não existe nenhuma proposta de ruptura. Por outro lado, o Andes precisa ser mais do que uma entidade nacional que baixa calendários de lutas e greves para as universidades. Os congressos, por exemplo, onde essa política é formulada, precisam ter mais capilaridade, serem de fato discutidos por nós.

## ■ Quais as alternativas para a defesa da universidade?

● A gente não se basta. Os professores precisam estar conectados aos estudantes aos funcionários, aos professores do ensino fundamental e médio. A grande virtude do 15M foi a confluência, havia diferentes grupos, de experientes pesquisadores universitários a jovens secundaristas. Também foi marcante uma organização mais amadurecida e horizontal. E com maior capacidade de diálogo com a sociedade. É importante que as estruturas dos atos comportem desde as entidades até os movimentos mais autônomos e criativos. A parceria com os setores da arte e da cultura, nesse momento de censura, é importante. A universidade está sendo pressionada por ser um espaço permanente para produção de conhecimento autônomo, e exatamente por isso não podemos recuar. A liberdade de pensamento, a liberdade de criação artística, a liberdade para a produção do conhecimento, são fundamentais e indissociáveis da vida universitária. É simples assim. Não temos opção.

é pouco exato dizer que somos um grupo que se perpetua na diretoria. Hoje, o fato é que a Adufrj está mais próxima da maioria dos professores da UFRJ. Antes, havia muita confusão nas proposições de grupos políticos em relação ao conjunto de professores. Sindicato é para ser a cara da maioria dos professores, mesmo que essa cara não seja aquela que eu ou o meu grupo defenda. Não adianta projetar uma imagem narcísica de uma categoria se essa só existe na imaginação do grupo que a criou. Essa diferença é fundamental. O acerto é justamente não sermos um grupo com propostas definidas e alto grau de homogeneidade. O que caracteriza nossa atuação é muito mais sermos uma ampla articulação, que inclui muita diversidade e que busca exprimi-la, sendo essa sua maior riqueza. e não um problema.

## ■ Qual a prioridade zero da gestão?

● Quando digo que nosso plano é abrir portas e construir pontes estou falando num amplo programa de ação. Até hoje a universidade é uma espécie de arquipélago. Temos uma coesão interna complicada. As unidades têm realidades muito diversificadas, e em certa medida, ainda muito desiguais. E a Adufrj tem um papel importante para que essas experiências não se tornem incomunicáveis. É preciso mudar com urgência um sentimento de que existem fraturas internas pela forte solidariedade entre nós.

## ■ Como fazer isso?

● Queremos abrir o diálogo o mais franco possível. Faremos visitas constantes às unidades e estaremos em todos debates e atividades para os quais fomos chamados. Esse desejo de aproximação é um sentimento forte de toda a diretoria eleita. Também há uma expectativa em relação ao Conselho de Representantes. Esperamos que seja um espaço para oxigenar e impulsionar a participação política dos docentes.

## ■ Essa é a terceira eleição consecutiva do mesmo grupo à frente da Adufrj. Qual o principal acerto a ser mantido?

● As duas últimas gestões ampliaram a representação da entidade,

# Comunidade científica repudia extinção do CNPq

> Texto de Medida Provisória que funde as agências Capes e CNPq e cria a Fundação Brasil de Ciência e Tecnologia, ligada ao Ministério da Educação, está pronto para ser assinado por Bolsonaro

DA REDAÇÃO  
redacao@adufrrj.org.br

Severiores e pesquisadores do CNPq fizeram um abraço simbólico no prédio da agência de financiamento à pesquisa na quarta-feira, em Brasília, contra a fusão do CNPq com a Capes. A junção dos dois principais órgãos de fomento à pesquisa do país está nos planos do governo Jair Bolsonaro.

A proposta de uma medida provisória que transforma as duas agências na Fundação Brasil de Ciência e Tecnologia, vinculada ao Ministério da Educação, está para ser assinada na Casa Civil. O texto foi encaminhado pela equipe do ministro Abraham Weintraub. A proposta já havia sido enviada ao Ministério da Ciência, pasta que responde pelo CNPq.

Mais de 70 entidades científicas do Brasil endossaram um manifesto contra a fusão e ainda contra a transferência do FNDCT para o Ministério da Economia, e da Finep para o BNDES. Entre os signatários do documento estão a SBPC e a Academia Brasileira de Ciências. O



ABRAÇO servidores e pesquisadores do CNPq realizaram um protesto em Brasília contra a fusão

manifesto foi encaminhado aos presidentes do Senado, Davi Alcolumbre, e da Câmara, Rodrigo Maia, e aos ministros da Secretaria de Governo da Presidência, Luiz Eduardo Ramos Baptista Pereira; da Casa Civil, Onyx Lorenzoni; da Ciência e Tecnologia, Marcos Pontes; da Economia, Paulo Guedes, e da Educação, Abraham Weintraub. Para as entidades científicas, a proposta de fusão do CNPq e Capes pode comprometer o sistema de ensino brasileiro e o Sistema Nacional de Ciência,

Tecnologia e Inovação (SNCTI). “A coexistência da Capes e do CNPq é fundamental para o nosso desenvolvimento econômico, social, cultural e ambiental. Alterar essas estruturas é fragilizar um dos alicerces – talvez o mais importante deles – de sustentação do Brasil contemporâneo que mira um futuro promissor para todos os brasileiros”, diz um trecho do documento.

Sobre a Finep, o manifesto destaca a importância para o SNCTI. “Seu impacto é extenso em todas as áreas, da agricultura

à aeronáutica, à indústria de medicamentos e equipamentos médicos, entre tantos outros.”

## EMENDAS

Na quarta-feira, a Comissão de Educação da Câmara aprovou duas emendas que somam R\$ 600 milhões para o orçamento da Capes em 2020.

Segundo a agência de financiamento, a verba será destinada a 135 mil vagas em programas de formação de professores e à criação de 6 mil bolsas de pós-graduação e pesquisa. Serão

mais 2 mil bolsas de mestrado, 3,5 mil de doutorado e 500 de pós-doutorado.

A distribuição das bolsas levará em conta novos critérios, como o IDH dos municípios. A Capes, no entanto, ainda não esclareceu à comunidade acadêmica como funcionará de fato o novo modelo de divisão dos recursos.

Outra emenda também aprovada na quarta-feira beneficiou o CNPq. De autoria da deputada Margarida Salomão (PT-MG), destina R\$ 300 milhões para o pagamento de bolsas de pesquisas do CNPq no ano que vem e foi aprovada na Comissão de Ciência, Tecnologia, Comunicação e Informática.

“Fizemos essa emenda parlamentar em função da crise que vivemos nas áreas da ciência, tecnologia, pesquisa, e da asfixia financeira imposta pelo governo a esses setores”, disse a deputada.

Segundo Margarida Salomão, foi uma aprovação importante para a defesa dos institutos de fomento à pesquisa. “Foi uma sinalização fundamental em prol do desenvolvimento científico e tecnológico do país. Uma vitória importante na luta e na resistência contra os cortes orçamentários no CNPq”.

## NOTA



## MEC APRESENTA NOVO FUTURE-SE PARA REITORES

■ No dia 16, o Secretário de Educação Superior do MEC, Arnaldo Barbosa de Lima Júnior, apresentou aos reitores uma nova versão do Future-se. O texto final do projeto de lei será apresentado em 8 de novembro. Uma das mudanças é a inclusão das fundações como intermediárias dos contratos de desempenho das universidades - na proposta inicial esse papel era exclusivo das Organizações Sociais. O Consuni da UFRJ rejeitou a adesão ao Future-se.

responsabilidade de estudar os pedidos e propor aos colegiados superiores uma distribuição entre os vários cursos. A sugestão é apreciada por uma sessão conjunta do Conselho de Ensino de Graduação e do Conselho de Ensino para Graduados. E, depois, vai ao Consuni.

A celeridade do processo, segundo a reitora, tem como objetivo evitar possível redistribuição ou recolhimento das vagas pelo governo. A expectativa é que o edital seja aprovado pelo Consuni até o final do próximo mês: “Espero que o edital seja publicado ainda em novembro para garantir que as vagas permaneçam na UFRJ”.

“Os critérios são praticamente os mesmos desde 2009, quando tentamos zerar o número de professores substituídos. De lá para cá são feitos pequenos ajustes”, aponta Cláudia Morgado, diretora da Escola Politécnica. Em sua avaliação, uma Cotav de 100 vagas anual “é o ideal”.

# Concursos docentes à vista

> Anúncio de reposição de mais de 100 vagas foi feito durante a reunião do Consuni do dia 10

ELISA MONTEIRO  
elisamonteiro@adufrrj.org.br

A UFRJ vai lançar um edital para contratação de professores até o fim de 2019. Por enquanto, são 116 vagas, informa a pró-reitora de Pessoal, Luzia Araújo. Mas o número pode crescer após novas aposentadorias nos próximos dias. “Estamos trabalhando para a alocação de vagas ainda este ano. Teremos que publicar um edital o mais rápido possível”, disse a reitora, professora Denise Pires de Carvalho, no Conselho Universitário do dia 10.

Os parâmetros para distribuição de vagas entre as unidades devem ficar próximos aos dos últimos anos. A Câmara Mista do Conselho de Ensino de Gra-

duação (CEG) e do Conselho de Ensino para Graduados (CEPG), realizada em 20 de setembro, indicou a manutenção dos critérios já usados na divisão anterior, adicionando recomendações, como a contabilização da carga docente em curadorias da UFRJ e adequação do cálculo do número de estudantes para campos de conhecimento com especificidade na relação docente-aluno (turmas pequenas), como os cursos da Escola de Música, Belas Artes e Fisioterapia.

As unidades têm até 18 de outubro para repassar informações dos cursos para subsidiar os trabalhos da Comissão Temporária de Alocação de Vagas Docentes (Cotav) - que ainda será constituída. A Cotav tem a

“As vacâncias são mensais. E a demora é prejudicial para a universidade. Todos os anos temos excelentes doutores se formando. E a UFRJ acaba perdendo para outras instituições quando deixa de abrir a seleção”, justifica.

A docente adverte sobre o risco de precarização da graduação com um número excessivo de professores substituídos. “Os rankings internacionais dão grande peso às graduações. E com isso, unidades como a Escola Politécnica têm papel substancial para a colocação da UFRJ. Somos 10% da graduação da universidade”, exemplifica.

Na última Cotav, foram distribuídas 230 vagas. Segundo a então presidente da comissão, professora Maria Alice Zarur, o número cobriu 70% das demandas por concursos docentes nas unidades com maior defasagem. As unidades com a relação docente/carga de horário menos apertada tiveram 50% das solicitações atendidas.



CONJUNTO Escola de Música, Escola de Comunicação e Escola de Belas Artes trabalharam juntas para produzir o espetáculo infantojuvenil “A Roupas Nova do Imperador”

# Projeto da universidade leva ópera para as crianças

GIULIA VENTURA  
giulia@adufrrj.org.br

Quarta-feira, 10 de outubro, duas e quarta da tarde. As luzes se apagam no lotado Salão Leopoldo Miguez. Os músicos começam a melodia e o silêncio toma conta da plateia infantojuvenil. São alunos de diversas idades e escolas da cidade que estão prestes a conhecer a magia de mais uma ópera produzida pela Escola de Música.

A ação ocorre todo ano, há mais de uma década, na semana do Dia das Crianças e faz parte do projeto “A escola vai à ópera”. Com participação do coral infantil da UFRJ, o evento busca ampliar o universo cultural das crianças no palco e na audiência. “Nos dedicamos a introduzir

principalmente crianças de redes públicas nessa linguagem, de forma lúdica e com histórias que tenham a ver com o universo delas”, explicou a ex-diretora da Escola de Música e diretora-geral do projeto, professora Maria José Chevitarese.

Na história deste ano, “A roupa nova do imperador”, o personagem central, viciado em novos trajes, cai na lábia de dois falsos artesãos que prometem uma roupa invisível aos olhos de quem fosse tolo ou que ocupassem posições não merecidas. Com medo de serem julgados e expulsos de seus cargos, os ministros da Economia e da Justiça, e até mesmo o imperador, fingem enxergar o tecido inexistente.

O tema surgiu de uma parceria com a Academia de Música de Malmö, na Universidade de Lund, Suécia. O professor Sven

Kristersson, encantado com o projeto realizado pela Escola, se dispôs a participar e compôs a música do evento. A escolha do conto de Christian Anderson também partiu do compositor, que queria juntar a cultura das duas regiões. “Embora seja uma história antiga, o assunto é muito atual. Fala da necessidade de as pessoas serem aceitas e de se importarem o que os outros pensam”, avaliou a professora Chevitarese.

## ESFORÇO COLETIVO

A ópera é construída pela colaboração entre diversos cursos da UFRJ. A atividade congrega alunos da Escola de Belas Artes, para cenografia e e instrumental. A Escola de Comunicação entra para fazer a iluminação e a direção teatral. Além de alunos da própria Escola de Música, que

compõem a parte instrumental e vocal. “É muito importante para quebrar essa organização tão encastelada da instituição. É o que dá sentido à ideia de universidade”, afirmou o professor José Henrique Moreira, professor de Direção Teatral e responsável pela direção cênica do espetáculo.

Sarah Salotto, aluna de bacharelado em canto e solista do evento afirma que o projeto é muito importante. “Durante a minha infância, nunca tive contato com ópera. Então, para mim, é um prazer imenso estar aqui no palco apresentando isso para as crianças”.

A cada ano, um edital diferente é procurado para a continuidade do projeto. Desta vez, o auxílio financeiro veio de um programa de apoio às artes, uma parceria entre o Fórum de Ciência e Cul-

tura e a Fundação Universitária José Bonifácio. O prêmio PRO-ART/UFRJ é concedido a grupos artísticos de representação institucional.

Segundo a professora Maria José Chevitarese, quando o projeto se iniciou, as pessoas ficaram espantadas por acharem o gênero artístico inacessível aos mais jovens.

“Diziam: ‘Mas crianças em óperas? E elas gostam?’ E o que eu via era uma alegria imensa”, brinca Chevitarese.

**CORAL FAZ 30 ANOS** O coral infantil da UFRJ completa 30 anos em 2019. Criado pela professora Maria José Chevitarese, tem como proposta ser um coral inclusivo, com cerca de 70% dos alunos de escolas públicas. “O que mais me dá alegria é ver como esse projeto já transformou a vida de muitas dessas crianças”.

# CCBB RECEBE ATO CONTRA A CENSURA DO GOVERNO

Um protesto contra a censura promovida pelo governo federal em ações culturais mobilizou professores, políticos, artistas e intelectuais, no dia 11. Eles se reuniram em frente ao Centro Cultural do Banco do Brasil, no ato “Escolha Cultura”. Uma das participantes, a professora Tatiana Roque, do Instituto de Matemática, ex-presidente da AdUFRJ, e coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, teve sua palestra “Por que acreditar na Ciência?” suspenso na Caixa Cultural, espaço da Caixa Econômica Federal, conforme divulgado na edição anterior do **Jornal da AdUFRJ**.

“Esse ato está sendo muito importante para juntar o peso da cultura e da universidade, para mostrar que esse movimento de censura e de perseguição ao pensamento, à liberdade, é muito mais amplo”, disse. Para a professora, o ataque à liberdade de expressão é uma das agendas centrais do governo.

O deputado federal David Miranda, do PSOL do Rio de Janeiro, destacou que atos semelhantes devem ser multiplicados por todo o país. “Nós estamos vendo, sim, a censura com o governo Bolsonaro. Editais LGBTs, sobre quilombolas, peças sobre

a ditadura estão sendo censurados. É importante que a população entenda que o livre discurso e a livre expressão da arte têm que ser mantidos dentro de uma democracia”, declarou.

Marieta Severo, umas das artistas convidadas para o evento, fez um discurso ao público durante o ato e manifestou-se contra o retrocesso evidenciado nas ações do governo em relação à liberdade de expressão. “Esse ato é importante para que o governo sinta o quanto estamos atentos e o quanto vamos resistir a qualquer possibilidade de censura”, disse. (Arthur Bomfim)



PELA CULTURA protesto mobilizou artistas, políticos e intelectuais

# “O FUTURE-SE É UM DESMONTE-SE”

SILVANA SÁ  
silvana@adufrj.org.br

FOTOS: ALESSANDRO COSTA

“O Future-se vai desmontar a carreira docente, que garante um espaço na jornada de trabalho para o professor se dedicar à pesquisa”, criticou o ex-ministro da Educação Fernando Haddad, durante visita à UFRJ no dia 4 de outubro, quando participou de um ato público organizado pelos estudantes. Em entrevista ao **Jornal da AdUFRJ**, o professor e ex-ministro por sete anos falou sobre o momento político, as alianças progressistas e os ataques às universidades promovidos pelo governo Bolsonaro. “O Future-se é um desmonte-se”, afirmou o candidato à presidência nas últimas eleições. Sobre a intervenção do governo federal em reitorias país afora, Haddad considera que as comunidades acadêmicas têm prerrogativa para escolher seus dirigentes máximos. “Estamos falando de uma elite intelectual”. O ex-ministro desafia o atual titular do MEC, Abraham Weintraub, para um debate. “Já que o chefe dele não quis debater durante a campanha, eu topo debater com ele”.

## ■ Este encontro na universidade foi o ensaio de uma frente progressista de oposição ao atual governo?

● **Fernando Haddad** – Quem realmente está fazendo uma oposição consistente e propositiva são os partidos progressistas que estavam representados aqui [PT, PCdoB e PSOL] e outros que mantêm diálogo permanente conosco. Temos que estar muito afinados para o ano que vem e mais afinados ainda para 2022, colocando as vaidades e pretensões pessoais de lado e o interesse do país e das cidades na frente de todo o resto. Se depender de mim, cidadão Fernando Haddad, eu vou estar na luta para que a gente esteja o mais unido possível em 2020.

## ■ Como o senhor define o Future-se?

● O Future-se é um “desmonte-se”. É um programa para desmontar a universidade pública. Não tem nada a ver com contratar uma organização social para gerir recursos públicos. Quem é essa OS? De onde saiu esta ideia? Não

tem nada a ver acabar com a carreira docente. Sabemos que 90% de toda a pesquisa no Brasil são feitas pela universidade pública. O projeto desmonta a carreira docente, que é o que garante um espaço na jornada de trabalho para o professor se dedicar à pesquisa. Se não, vai virar escolão de ensino. E isso já tem quem faça. O que não tem quem faça no Brasil é pesquisa e extensão na qualidade que a universidade pública faz. Precisamos ter muito cuidado, até porque isto impacta o ensino. Uma coisa é você ter aula com um pesquisador, que está na fronteira do conhecimento. Outra coisa é ter aula com quem conhece e dissemina conhecimento. Pesquisador não dissemina conhecimento. Ele produz conhecimento. Toda uma geração vai se perder com o Future-se. Por isso, as grandes universidades já rechaçaram o modelo, que é inapropriado para a gestão de recursos públicos das universidades. O modelo que deu certo no Brasil é o das universidades estaduais paulistas, que implementamos durante o governo Lula por decreto, porque o Congresso não aprovou a reforma universitária. É um modelo em que a universidade tem o fundo público à sua disposição e o que ela conseguir ampliar [de recursos próprios] é dela, mas sem afetar o orçamento público.

## ■ O atual ministro da pasta não fez nenhuma visita até hoje a nenhuma universidade pública e chegou a dar declarações de que as universidades têm “cracolândias”. Como o senhor avalia esta postura?

● Ele não é uma pessoa da área. Ele é uma pessoa que entrou recentemente num concurso (da Unifesp) em condições bastante inusuais. Era um edital para doutor, ele não é doutor, aí não apareceu ninguém, republicaram o edital para mestre. Em São Paulo não tem doutor? É muito estranha esta história, mas eu não quero aqui ficar discutindo o currículo dele. Em vez de querer proibir o debate dentro da universidade, ele deveria promover. Ele deveria estar aqui comigo discutindo o Future-se. Isto seria interessante. De todos os ministros da



Educação vivos, eu fui o que mais tempo fiquei no ministério. Por que ele não debate comigo em um lugar público? Já que o chefe dele não quis debater durante a campanha, eu topo debater com ele.

## ■ Como o senhor avalia a postura do governo federal de não respeitar as listas tríplices? A UFRJ foi uma das poucas que teve seu processo eleitoral respeitado.

● Eu sou de um tempo – e não faz tanto tempo assim – em que a gente achava que as melhores pessoas para escolher o reitor de uma universidade eram os membros de uma comunidade acadêmica. Nós estamos falando aqui de uma elite intelectual. Quem é que tem uma prerrogativa maior do que uma comunidade tão bem preparada para escolher sua liderança maior? Não faz o menor sentido imaginar que o Bolsonaro saiba mais do que a comunidade acadêmica da UFRJ. Nenhum presidente saberia, em minha opinião, mas este, em particular, não tem a menor condição de escolher quem quer que seja. Já está falando em reforma ministerial. Em seis meses, desandaram Educação, Meio Ambiente, Economia, Relações Exteriores, Direitos Humanos. Para onde olha, você vê caos, falta de rumo, falta de consistência nas propostas. É um governo muito ruim.

## ■ Neste arco de alianças que envolve PT, PSOL e até lideranças de centro, cabe o Lula Livre?

● O Lula Livre não é uma questão de forças progressistas ou não. É de Estado de Direito. Uma pessoa de direita, que tem acompanhado o processo, não pode se negar a gritar Lula Livre. O Reinaldo Azevedo, que é um jornalista que se tornou famoso pelo seu viés antipetista, leu o processo. Só isso que ele fez. Ele não deixou de ser conservador por causa disso. Ele continua uma pessoa que se vê no espectro da direita liberal. Apesar de sua posição ideológica – e até por ela, porque os liberais são a favor do Estado de Direito – ele leu o processo. Quem quer que leia este processo não pode concordar com esta prisão. Ela não tem amparo em fatos, em acontecimentos, em nada. Uma pessoa está presa há um ano e meio. Você tem um massacre midiático de cinco anos contra esta pessoa. Esta pessoa bota em três semanas o seu candidato no segundo turno e é visitado por chefes de Estado do mundo inteiro. É agraciado com prêmios ininterruptamente – de doutor *honoris causa* a cidadão honorário de uma das maiores cidades do mundo. O que está acontecendo? O Sergio Moro está certo e o mundo está errado? Isto não vai ter fim enquanto não fizerem justiça.



“De todos os ministros da Educação vivos, eu fui o que mais tempo fiquei no ministério. Por que ele não debate comigo em um lugar público? Já que o chefe dele não quis debater durante a campanha, eu topo debater com ele.”